



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Jornalismo e alimentação nos TCCs do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero: a memória da cultura que transforma a prática jornalística

Helena Maria Afonso Jacob¹

Resumo

No período de 2010 a 2019, o curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero viu crescer o interesse dos alunos do último ano em relação ao tema alimentação e/ou culinária e gastronomia, como objeto dos projetos experimentais de conclusão de curso. Neste trabalho exploraremos os resultados da pesquisa desenvolvida entre março de 2020 e março de 2021. A investigação partiu do pressuposto de que os trabalhos de conclusão de curso produzem semioses que reconfiguram a memória da cultura, ao mesmo tempo que carregam informações importantes para o pensar e o fazer jornalísticos. Investigando a escolha dos estudantes pela temática do jornalismo e da alimentação, podemos localizar um caminho de investigação que discuta o interesse expandido do jornalismo pela temática. O referencial teórico que apoia a investigação realizada é o estudo da semiótica da cultura russa de Iuri Lotman, a discussão sobre a prática jornalística de Bill Kovach e Tom Rosenstiel e o trabalho de Jean-Pierre Poulain e Claude Fischler ao discutir a alimentação enquanto fato social.

Palavras-chave

Alimentação; jornalismo; projetos experimentais; semiose; memória da cultura

Introdução

Nos últimos 10 anos o sucesso dos reality-shows cujo tema principal é a gastronomia, como o MasterChef, a ascensão do Instagram, aplicativo em que infinitas fotos de variados tipos de comida são compartilhadas em fluxo contínuo, e até mesmo a discussão urgente sobre o impacto do que comemos frente às mudanças climáticas, trouxe a discussão sobre alimentação ainda mais para o centro de uma atração generalizada sobre a questão, atraindo o interesse de públicos de todos os tipos.

No campo jornalístico, a prática de cobertura de temas relacionados à alimentação e linguagens e áreas correlatas, como gastronomia, culinária e nutrição, vem acompanhando a tendência de expansão. Alguns fatores para esse quadro vão além das redes sociais, passando por uma diversidade maior de atores e discussões públicas, tanto a respeito do impacto que a produção e consumo de alimentos têm sobre os

¹ Professora e pesquisadora da Faculdade Cásper Líbero. Atual integrante dos docentes pesquisadores do CIP (Centro Integrado de Pesquisa) da Instituição. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

rumos do planeta Terra, quanto sobre o bem ou mal estar relacionados ao que se come. Outra discussão fundamental é o pertencimento identitário que a comida traz a muitos grupos, que acabam por se encontrar nas mesmas preferências ou interesses, como o de conhecer a história de comidas ou restaurantes típicos de uma cidade, por exemplo.

O jornalismo especializado, aquele que trata de assuntos específicos para públicos definidos (ERBOLATO, 1981), ocupa espaço na imprensa em todos os tipos de suportes midiáticos, criando uma ambiência comunicacional específica, ao tentar cobrir um assunto em todos os ângulos que possam interessar aquele determinado público. Nessa definição, o jornalismo especializado em alimentação utilizou formatos jornalísticos tais como reportagens sobre memórias alimentares, sejam urbanas ou de indivíduos, guias de onde comer e beber, críticas de restaurantes e bares em geral e a publicação de receitas, dentre outros formatos, para oferecer esse tipo de informação. Com a expansão do digital, outros formatos foram surgindo, como as próprias redes sociais, trazendo muito da perspectiva da história francesa das mentalidades, a *Écologie des Annales*, para o centro da experimentação jornalística. Nessa perspectiva historiográfica o centro de observação passa a ser o das narrativas das pessoas comuns e o cotidiano de suas vidas para nos mostrar o processo como a sociedade se desenvolve em rede de indivíduos, numa trama complexa que leva aos assuntos de interesse da esfera pública (BURKE, 1997). Assim, o registro do que e como se come é uma das facetas do cotidiano que interessou a essa pesquisa para buscar o entendimento de como o jornalismo construiu a representação da cultura do comer e do cozinhar, assim como ocorre em campos como o da moda, do turismo e da decoração.

Nessa construção cognitiva histórica, coube tentar entender se as escolhas de estudantes naquele que é o primeiro grande projeto autônomo de suas carreiras, o TCC, deixam rastros e traços na construção epistemológica do jornalismo. Assim, o período de um ano de realização da pesquisa foi apenas o início de um processo de mergulho na arqueologia da mídia especializada em alimentação pela via da produção de conhecimento derivada do ambiente acadêmico, utilizando como objeto de estudo a produção TCCs (trabalhos de conclusão de curso) do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. As informações coletadas ainda precisam de mais aprofundamento e de outros momentos de pesquisa para que a cadeia complexa de representação do sistema cultural da alimentação, e da memória que ele carrega, possa ser mais amplamente compreendida. Hall (2016: 34-35) lembra que contamos com dois sistemas de representação: o primeiro é nosso imaginário, quando toda ordem imagens e de conceitos é correlacionada a um conjunto de representações mentais que carregamos; o segundo é o sistema de representação em, quando comparamos



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

para distinguir e criamos classificações do que é representado. Por isso, para desenvolver com a profundidade necessária essa investigação de como as práticas jornalísticas são afetadas ontem e hoje pelos estudos e experiências dos estudantes da área, precisamos de outros momentos em que a arqueologia midiática dessa prática possa ser mais desenvolvida, até para que o processo de armazenamento, compartilhamento e reestruturação da memória da cultura nesse processo representativo possa ser melhor compreendida.

Partindo do trabalho de Lotman (1996: 89), essa memória serve para decifrar textos que circulam no quadro síncrono de atuação da cultura, como também potencializa a criação de novos textos. Lotman não considera nunca a memória como mero arquivo, depósito de informações, mas sim organismo vivo capaz de gerar e reconfigurar esses dados e informações, se auto reconfigurando em processo contínuo e expansivo:

La tercera función del texto está ligada a la memoria de la cultura. En este aspecto, los textos constituyen programas mnemotécnicos reducidos. La capacidad que tienen distintos textos que llegan hasta nosotros de la profundidad del oscuro pasado cultural, de reconstruir capas enteras de cultura, de restaurar el recuerdo, es demostrada patentemente por toda la historia de la cultura y de la humanidad. No sólo metafóricamente podríamos comparar los textos con las semillas de las plantas, capaces de conservar y reproducir el recuerdo de estructuras precedentes.

A alimentação cruza e relaciona questões da de ordens múltiplas dentro do exercício jornalístico, que não foram ainda mapeadas no campo da prática da profissão e que também não cabem mais em arranjos hoje tradicionais, e até mesmo ultrapassados, como editorias de cultura, comportamento e cotidiano. Tais modos de operar os temas desse sistema cultural não são mais capazes, sozinhos, de abarcar as teias complexas de sentido e representação, pois a alimentação enquanto sistema da cultura atua carregando e transformando continuamente, tal como pontua Lotman. Assim, "entrincheirar" o campo da alimentação em determinados espaços carece de sentido na contemporaneidade, visto que o tema atravessa todos os campos da cultura e, por consequência, também do jornalismo. Ou seja: é fundamental trabalhar a abordagem do ponto de vista interdisciplinar.

A partir dos interesses de graduandos dos últimos 10 anos dentro do curso mais tradicional e a antigo de jornalismo do Brasil², o da Faculdade Cásper Líbero, visamos começar a tecer um panorama de produção da área que ajude a balizar prática jornalística já realizada e que possa apontar tanto para um Manual de Práticas desta especialização jornalística, quanto para o desenvolvimento de um possível conceito de temática interdisciplinar do jornalismo, objetivos da continuidade dessa pesquisa.

² Há controvérsias sobre o fato de o curso de jornalismo da Cásper Líbero ser o primeiro do país, mas nos fundamentaremos no trabalho de Gisely Hime em "Construindo a Profissão de Jornalista: Cásper Líbero e a Criação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil", disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125406421967807345272755170441800930965.pdf>.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

A prática do jornalismo nos trabalhos de conclusão de curso da Cásper Líbero

O TCC (trabalho de conclusão de curso) é componente curricular obrigatório de formação dos graduandos do curso de Jornalismo, segundo as DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) atuais, implantadas em 27 de setembro de 2013. Quanto ao formato, “o TCC pode se constituir em um trabalho prático de cunho jornalístico ou de reflexão teórica sobre temas relacionados à atividade jornalística” (MEC, 2013). No curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero é possível dizer que a grande maioria dos TCCs costuma ser de cunho prático, contemplando os diversos formatos possíveis para a criação de veículos de mídia. No período recortado pelo *corpus* de pesquisa, 2010 a 2019, houve, inclusive, grande incorporação de novos formatos advindos da prática cotidiana da profissão.

Sobre os TCCs de jornalismo, é importante lembrar que o papel do projeto experimental está contido entre o teste dos conhecimentos adquiridos durante os quatro anos de formação e a palavra experimental. É fundamental que os graduandos sejam estimulados a experimentar novas linguagens, formatos e temas, já que neste momento não há tantos compromissos com audiência e outras "amarras" comerciais do jornalismo, como discute Rafael Schoenherr (2011: 82-83) :

Uma vez que o produto está em teste (é uma tentativa), interessam percepções do universo leitor que melhor elucidem sobre processos, opções e interesses situados na elaboração do produto (que também é a elaboração, em alguma medida, de um ‘público leitor’ para o respectivo produto) (...) Isso já indica que o TCC deve contemplar, no mínimo, demandas outras (mais criativas, ousadas, relevantes) que aquelas habitualmente atendidas pelo mercado (cristalizadas em nichos consumidores e tipos padrão de informação) e acionadas em disciplinas de um curso (mais voltadas a determinada especialidade e competência da formação profissional em certo período da graduação). Longe de tais instâncias (de mercado e curriculares) serem descartadas, aposta-se muito mais na ideia de que é necessária uma triangulação ou uma relação triádica (de múltiplas determinações), se preferirmos, entre realidades de (a) mercado (que, aliás, vai além de grandes empresas do setor), (b) disciplinares/de curso e (c) de pesquisa – o que implica, entre outras coisas, investigar demandas de produtos e serviços jornalísticos nem sempre contempladas satisfatoriamente na atual disposição do circuito de produção, circulação e consumo cultural.

Acreditamos que observar tais desdobramentos das escolhas dos TCCs, como formato, temas e métodos de pesquisa pode revelar pistas, ou rastros, de como a produção de conhecimento no hoje chamado "jornalismo gastronômico" tem se desenvolvido e que essa trajetória pode nos levar ao que se defende aqui como ideal, que é o jornalismo especializado em alimentação. Na proposta triádica colocada por Schoenherr sobre os trabalhos de conclusão de curso – mercado, características do curso e pesquisa – temos a potência da discussão sobre os rumos do mercado profissional, a formação proporcionada pelo ensino de jornalismo e a perspectiva de desenvolvimento de pesquisas que analisem a formação epistemológica e, portanto,



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

cognitiva das práticas jornalísticas, tirando o trabalho de conclusão de curso de mero finalizador do curso de graduação para o campo ideal de inovação e experimentação do jornalismo..

Partindo para os dados específicos sobre o corpus analisado, no período de 2010 a 2019 o curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero teve 27 TCCs cujo grande tema foi a alimentação, assim distribuídos por ano³:

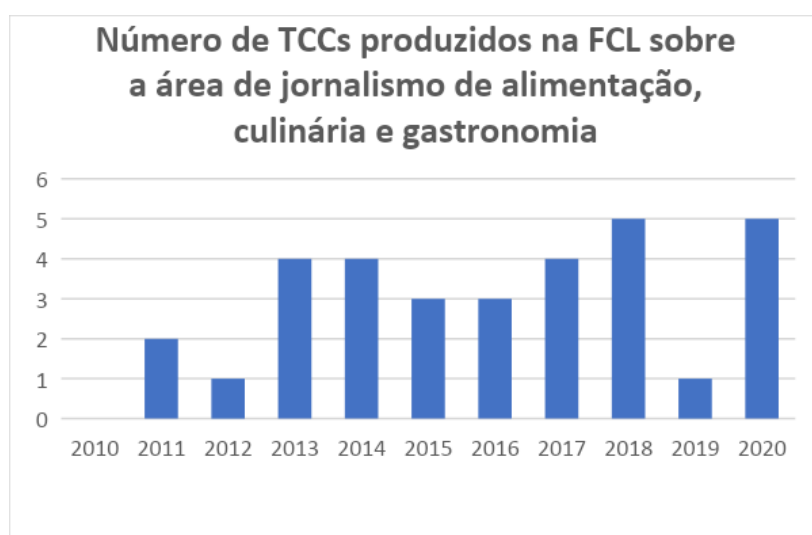


Figura 1

Do total de 27 TCCs sobre o sistema cultural da alimentação, os dados levantados levaram à divisão em três grandes áreas temáticas: Culinária/Gastronomia, com 17 trabalhos; Alimentação/Nutrição, com oito, e Corpo/Beleza, com dois trabalhos.

Observamos na *tabela 1* a predominância dos produtos jornalísticos que repetem a fórmula editorial dos guias de gastronomia, muitos deles ligados à memória de grupos, pratos e receitas, rememorando o trabalho realizado pelos cadernos de cultura nos grandes veículos de imprensa - o que demonstra a ação da memória da cultura nesse tipo de jornalismo especializado.

Nome do trabalho	Gênero	Ano
------------------	--------	-----

³ O ano de 2020 foi incluído a título de amostragem da permanência do interesse pela temática.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

<i>Aos Bocados - um almanaque sobre os sabores de SP</i>	Almanaque	2011
<i>Comer e Rezar - as festas italianas de SP</i>	Livro-reportagem	2011
<i>A volta ao mundo em 50 restaurantes</i>	Guia turístico/cultural	2012
<i>Comida de Rua - Um guia da baixa gastronomia em São Paulo</i>	Guia turístico/cultural	2013
<i>Comida Filandesa em São Paulo</i>	Livro-reportagem	2013
Manual da Coxinha	Guia turístico/cultural	2013
Bake Me Now - Jornalismo Gastronômico às avessas	Documentário	2014
Aquilo que não cabe no prato - Histórias de quem ajudou a construir a gastronomia paulistana	Livro-reportagem	2014
O Lado B do Vinho - Nova rota do vinho brasileiro	Livro-reportagem	2014
A feira é livre: retrato das feiras livres de SP	Livro-reportagem	2015
Gastronomia oriental no bairro da Liberdade	Guia turístico/cultural	2015
As pessoas que fazem o Mercadão	Documentário	2015
Cultura e gastronomia no bairro da Moóca	Livro-reportagem	2017
Sabores da memória e outras histórias - Uma viagem pela culinária	Guia turístico/cultural	2018
Receita de família - como famílias de imigrantes mantêm vivas culturas e tradições através do preparo da comida	Livro-reportagem	2018
Casa Godinho: a história do primeiro patrimônio cultural imaterial de São Paulo	Documentário	2018
Com café eu vou, café não costuma falhar	Documentário	2018

A outra área temática explorada pelos TCCs do curso de jornalismo foi a da alimentação/nutrição, correspondendo a discussões sobre os efeitos das escolhas alimentares, destinação de resíduos, consumo consciente, mudanças climáticas, dentre outros. São oito (8) trabalhos classificados nessa temática:

Nome do trabalho	Gênero	Ano
<i>Você tem fome de quê?</i>	Documentário	2014
<i>Nutrição Subversiva: alimentação e saúde infantil</i>	Livro-reportagem	2015
<i>Alimentos ultraprocessados: a droga liberada</i>	Portal Multimídia	2016
<i>Antes que vire lixo</i>	Documentário	2016
<i>O slow food ante à cultura alimentar destrutiva</i>	Portal Multimídia	2017
<i>Caminhos para o desapego: o movimento freeganista e a prática do consumo consciente</i>	Documentário	2017
<i>Por dentro do prato</i>	Portal Multimídia	2018
<i>O problema é seu – alimentação e escolhas alimentares</i>	Documentário	2019



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Por fim, temos dois (2) trabalhos que discutiram questões de corpo, beleza e estética que se relacionam com a alimentação, embora sejam mais cotidianamente cobertos pelas editorias de Saúde e de Comportamento:

Nome do trabalho	Gênero	Ano
Por um Manequim	Documentário	2013
<i>A vida é mais fácil para quem é magra</i>	Livro-reportagem	2017

A primeira questão observada é a preferência destacada dos alunos pela temática da culinária e da gastronomia, explorada especialmente na combinação do formato de indicar onde comer, e contar a história e a cultura dos pratos, prática geralmente combinada com a publicação de receitas. Vários tccs usaram, inclusive a palavra guia na descrição do formato, como pode ser observado na *tabela 1*. O formato atua ainda como agenda cultural que viraliza com facilidade nas redes sociais. É nelas, inclusive, que conteúdos de alimentação destacam-se em inúmeras frentes: no universo fitness, no da gastronomia como exposição de visualidades da comida e em redes sociais que nasceram e se expandiram na perspectiva dos públicos fotografarem e compartilharem aquilo que comem - em maior proporção -, e aquilo que cozinham - em menor proporção-, que é o caso do Instagram.

Há que se considerar as escolhas por formatos jornalísticos já consagrados como esperadas dentro de uma escola de jornalismo tradicional como a Cásper Líbero. Além disso, é praxe na instituição que os graduandos se coloquem ativamente no mercado de trabalho desde os primeiros anos de curso, inclusive em posições de estágio nas redações tradicionais da área cultural, questão que tende a aumentar a mimese de formatos que esses estudantes já conheçam e trabalhem na rotina profissional deles.

Essa constatação do resultado da pesquisa, advindo de entrevistas com professores orientadores e egressos, além da observação e da leitura dos tccs, demonstra que se, por um lado, os formatos do jornalismo especializado em destaque na *tabela 1* são necessários e importantes, visto atuarem na esfera do jornalismo de serviços, fornecendo informações importantes aos públicos de interesse, por outro lado a prática precisa ser atualizada para atender as complexidades da discussão sobre alimentação na contemporaneidade. Um dos caminhos urgentes é que o jornalismo discuta o quão elitista é a produção da área, característica que fica explícita na cobertura da gastronomia, principalmente.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Ao privilegiar os restaurantes e pratos caros de restaurantes dos centros urbanos das grandes cidades, assim como produtos e viagens caras, sem representar a diversidade cultural e econômica do território brasileiro, a discussão sobre alimentação não alcança a complexidade necessária. Tais práticas remetem à “erudição” do jornalismo cultural e não contemplam a diversidade necessária e que represente uma comunicação de real interesse público e não apenas dos públicos, sempre um território a ser discutido e disputado na produção do jornalismo. Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003: 226) lembram que "jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade é fornecer a informação que precisam para entender o mundo". Assim, a compreensão da realidade não pode ser representada apenas uma coletânea de dados e de narrativas, sem a reflexão sobre o que tais informações representam no mundo. E é justamente a partir desse necessário desdobramento que parece vir a segunda grande temática encontrada, que é a do interesse dos graduandos em temas relacionados à nutrição e às escolhas alimentares.

Essa área temática identificada pela pesquisa sobre os TCCs aumentou nos últimos cinco anos do *corpus* pesquisa, mostrando que a compreensão daquilo que já temos como memória jornalística precisa de mais alcance para abarcar os desafios da alimentação. Nesse campo temos a discussão sobre o impacto daquilo que comemos na natureza assim como a existência da fome e da miséria alimentar, fato que parece inexistir nos formatos mais elitizados do chamado jornalismo gastronômico. Analisando essa questão a partir da memória da cultura, Lotman (1996: 157) coloca que “a memória comum para o espaço de uma cultura dada é assegurada, em primeiro lugar, pela presença de alguns textos constantes e, em segundo lugar, ou pela unidade dos códigos ou pela sua invariância. Portanto, a persistência de modelos arraigados do como fazer conteúdo jornalístico na área de alimentação parece acontecer pela repetição da produção de textos iguais e da recombinação de códigos da área nas mesmas combinações. Mas a memória também se transforma justamente na variação do uso dos mesmos códigos e dos mesmos textos, fato que se demonstra na necessária complexificação da discussão vista na segunda área temática.

Por fim, na análise inicial do *corpus*, observamos pequena incidência de temáticas de discussão dos efeitos da alimentação no corpo e na estética das pessoas, especialmente das mulheres - temática pequena na amostra coletada, mas com grande potencial de desenvolvimento. Assim abre-se caminho para que a discussão da prática jornalística como atuante no processo de disseminação de pressões estéticas por meio de corpos perfeitos e de magreza - questões relacionadas em grande parte à alimentação - e cujo paradigma da normatização de corpos e de uma pretensa igualdade estética precisa ser discutido também no que tange aquilo que se come e se cozinha.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Se a problemática costuma aparecer nas temáticas de moda e de beleza dentro do jornalismo, é muito importante que seja também relacionada à discussão sobre práticas alimentares, tanto gastronômicas quanto culinárias⁴, pois a questão se relaciona ainda a fatos e dados econômicos, mostrando a urgente inserção da prática jornalística em alimentação no campo da interdisciplinaridade e da fluidez de classificação entre editoriais. Um exemplo da questão é a cobertura de fatos jornalísticos da produção de quinoa, no Peru, e de abacate, em todo mundo, que foram pressionadas a aumentar, com prejuízo de produtores originários e de ecossistemas, para suprir a demanda por alimentos que ajudam em regimes e dietas da moda, assim como para suprir a demanda de premiados e caros restaurantes por esses alimentos.

Jean-Pierre Poulain discute em *Sociologias da Alimentação* (2004) o papel do alimento como central ponto constitutivo de uma série de sociabilidades que moldam nosso cotidiano:

Colocar a cozinha e as maneiras à mesa como representação dos valores de uma cultura e, conseqüentemente, como lugar de identidades culturais, é um programa sociológico que apresenta um certo interesse, mas não basta ainda para fundar uma sociologia da alimentação (idem, 2004: 153).

Acreditamos que cabe também à formação cognitiva operacionalizada pelo jornalismo, como retratista e analista do desenvolvimento da cultura e das sociedades, papel fundamental na delimitação deste campo. Exatamente nesse ponto, Meditsch (2003:7)⁵ pontua que o "Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, mas reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais". Justamente nesse ponto temos o caso de uma sociedade que exalta o corpo magro e traz infinitas regras de dietas restritas, levando a ação de exaltação dessas restrições também para a prática jornalística que, em grande número de casos, apenas reproduz padrões sem discuti-los, deixando toda a problemática da pressão estética, e até mesmo gordofóbica, nítida tanto os públicos de interesse quanto para o interesse da esfera pública.

Naomi Wolf em *O Mito da Beleza* (2018), pontua que frente aos direitos conquistados pelas mulheres nas últimas décadas, a sociedade patriarcal aumentou a vigilância dos nossos corpos, transformando a magreza em obsessão midiaticizada e presente em todas as classes sociais. De fato, a pressão estética só ficou mais forte com a ascensão das redes sociais na última década, por exemplo, mas Louise Foxcroft (2013) traça um cenário de milênios de opressão pela beleza e pelo corpo magro em *A Tirania das Dietas*, mostrando

⁴ Lembrando que a gastronomia está relacionada à visibilidade e exponebilidade, enquanto a culinária relaciona-se ao comer e ao cozinhar (JACOB, 2012)

⁵MEDITSCH, Eduardo. *A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. SOPCOM, Lisboa. IN: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-filosofia-paulo-freire.pdf>. Acesso em 8 de outubro de 2020.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

o controle exercido pelo patriarcado e pelo capitalismo quanto ao corpo feminino. Como a alimentação - o comer pouco ou nada -, tem papel de destaque nessa complexa equação, defendemos que reportagens e pautas desta área também pertençam à temática. Como mostram os primeiros dados da pesquisa, o entrecruzamento existe, mas precisa ser mais explorado e fortalecido, validando as pesquisas sobre as sociologias da alimentação propostas por Poulain (2004).

É justamente na pauta aumentada interdisciplinar que reside a definição das práticas do jornalismo em alimentação, que não se restringe mais apenas ao entretenimento e à saúde, mas leva a discussão para a esfera da diversão e do lazer que mudaram o mundo (JOHNSON, 2016), trazendo a perspectiva urgente de não considerarmos no jornalismo o entretenimento apenas como lazer, mas sim como um campo de atuação de absoluta importância na cultura. Essa pauta interdisciplinar e expandida traz também a alimentação para a esfera da complexidade política e econômica que a circunda e atravessa esse sistema cultural. E que encontra ainda mais ressonância no trabalho de jovens graduandos que estão testando formatos e modelos de apuração, edição e finalização justamente no trabalho com o qual finalizam o processo de estudo e pesquisa sobre o jornalismo. Justamente por isso acreditamos que o trabalho de pesquisa deva continuar a ser desenvolvido, para entendermos com mais profundidade essa discussão no campo jornalístico.

Jornalismo e alimentação: cultura, entretenimento e debate público

Para discutir a ainda inexistente classificação de jornalismo especializado em alimentação, escapando do campo da temática que é abraçada pelo jornalismo cultural, propomos a discussão sobre em qual gênero tal especialização pode ser inserida. Partindo da divisão estruturada em gêneros de José Marques de Mello (2013), contamos com seis do tipo jornalísticos no Brasil:

- informativo: vigilância social;
- opinativo: fórum de ideias;
- interpretativo: papel educativo, esclarecedor;
- diversional: distração, lazer;
- utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas.

Mesmo considerando a importância de partirmos de uma classificação que ajude a entender a organização do jornalismo e que, historicamente, foi muito importante para a discussão sobre a prática da profissão no Brasil, precisamos discutir que as seis divisões propostas por Marques de Mello já não



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

contemplam a diversidade do jornalismo na contemporaneidade. O jornalismo hoje chamado de "gastronômico" não encontra classificação em nenhum dos gêneros propostos, mesmo que consideremos que ele costuma ser alocado na editoria de cultura. Isso ocorre porque o jornalismo de alimentação se espalha, como mostra a pesquisa sobre os trabalhos de conclusão da Casper Líbero, em todos os gêneros: é informativo porque traz discussões importantes para a vigilância social, tais como os trabalhos sobre o consumo de alimentos ultraprocessados; é opinativo na força de testes de formatos nas redes sociais e na circulação de informações que reconfiguram os textos da cultura, como documentários sobre pessoas que se alimentam de restos de comida e as opiniões da esfera pública sobre a prática; é interpretativo ao ter papel educativo e discutir como nos alimentamos hoje; é diversional ao discutir lazer e diversão na alimentação e também é, e muito, utilitário, porque mostra caminhos para a prática cotidiana, oferecendo serviços para os públicos especializados.

Assim, como definimos se esse tipo de jornalismo pertence a uma ou a outra área? Por isso, a pesquisa mostrou caminhos temáticos para uma discussão interdisciplinar e ampla, trazendo a experimentação dos projetos finais de curso para a prática jornalística cotidiana como ponto de partida arqueológico de investigação desse novo conceito de jornalismo em alimentação. Nesse quadro, a proposta não cabe apenas dentro do jornalismo cultural, pois as questões alimentares precisam ser tratadas pelo jornalismo de pontos de vista mais amplos e complexos. Afinal, o que é a cultura dentro da divisão de editorias jornalísticas? Lotman (1996), por meio da semiótica de origem sistêmica, nos lembra que a cultura organiza o processo da vida em sociedade criando as regras imprescindíveis à tradução de informações em signos, que são armazenados ou reinterpretados quando novas demandas surgem (MACHADO, 2003: 31). Assim, a cultura atua no processamento de informações, exatamente o que acontece no jornalismo de alimentação, que cobre muitos campos e precisa ser organizado e dividido em mais de uma área para que a complexidade ali proposta possa ser minimamente alcançada.

Se o jornalismo cultural não abarca a complexidade necessária para a alimentação, isso acontece também com o chamado jornalismo de entretenimento, área para a qual o campo jornalístico tende a encaminhar a alimentação. A discussão entre o entretenimento como temática da diversão e a informação que visa informar e oferecer conhecimentos práticos, serviços, aos públicos do jornalismo, acaba por se materializar no conceito de infotainment, bastante polêmico e ainda pouco problematizado no Brasil:

O papel de divertir no jornalismo ao longo do tempo tem recebido diversas denominações: diversional, cultural e entretenimento. O primeiro refere-se às histórias de interesse humano e perfil, entre outras, que



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens. Já o cultural inclui desde os suplementos de jornais às revistas especializadas sobre cinema, literatura, artes, espetáculos e televisão. Por fim, o de entretenimento aborda os assuntos mais variados, tais como gastronomia, moda, beleza, culinária, saúde, celebridades, etc (DEJAVITE, 2006: 71).

Assim, a tensão entre os temas que seriam válidos e sérios da cultura e aqueles que seriam levianos e do entretenimento, ainda mantêm-se no jornalismo em pleno século 21, desconsiderando que temas relacionados ao que e ao como comemos, por exemplo, são de importância formativa para a sociedade – e que, portanto, não cabem na definição apenas de entretenimento e nem na de infotainment. Ballerini (2015)⁶ recupera o pensamento de Amparo Tuñón San Martín, que classifica o jornalismo cultural do seguinte modo:

Para San Martín, por exemplo, o jornalismo cultural calcou-se em três paradigmas básicos: cultura/informação; cultura/conhecimento e cultura/acontecimento. Por cultura/informação, entendemos que o autor se refere aos cadernos diários de cultura e às notícias instantâneas na internet. Por cultura/conhecimento, ao perfil das revistas culturais e dos cadernos dominicais. E, por cultura/acontecimento, aos chamados roteiros, guias e serviços, publicados principalmente às sextas-feiras.

Sem dúvida o jornalismo “gastronômico” ganha destaque neste contexto justamente pela produção de conteúdos direcionados especialmente à prática da cultura/conhecimento, cobrindo dicas de onde comer presentes nos guias culturais. Há ainda a vertente do como cozinhar, mais relacionada à culinária e menos emblemática, funcionando, em geral, como suporte da gastronomia. A denominação da área temática parece vir justamente desse tipo de exposição. Nos TCCs do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero podemos observar justamente um momento inicial em que esse tipo de formato teve destaque e hoje vemos uma complexidade maior nos temas propostos, aproximando da definição de temática que defendemos anteriormente, apoiada na práxis do jornalismo.

Sendo o jornalismo um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis, esse processo só se concretiza se os fazeres jornalísticos (envolvendo o uso de técnicas para a produção e uma expressão estética) forem cognitivamente controlados por intenções inspiradas em razões éticas que dá sentido a esse processo (Chaparro, 2007: 143) .

Lotman (1996: 24-25) também contribui para esse ponto com a discussão sobre fronteira na semiótica da cultura, ao discutir que os textos originados numa dada linguagem sempre operam em conjunto com outros textos da mesma natureza - caso do jornalismo especializado, que divide o jornalismo em editoriais

⁶ BALLERINI, Franchesco. *Jornalismo cultural no século 21* (Locais do Kindle 365-369). Summus Editorial. Edição do Kindle.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

distintas, pregando mais a separação do que a troca interdisciplinar tão necessária à práxis jornalística contemporânea. Assim, não temos uma definição do que é jornalismo em alimentação nem apenas no território do cultural ou do entretenimento, mas sim na troca entre esses e vários outros campos interdisciplinares.

Apontamentos e caminhos

Depois de analisar o recorte do campo de experimentação dos tccs em jornalismo que aponta para a complexificação da temática em alimentação, e para a consequente abertura da especialidade para além das editoriais de cultura e de entretenimento, é interessante observar a ação dessa transformação interdisciplinar na práxis do jornalismo. Se temos ainda formatos tradicionais no jornalismo em alimentação, temos também uma abertura da área para outros campos de auto interesse público e dos públicos. Para entender o processo, vale lembrar o que Chaparro (2007: 142) nos diz sobre a pragmática do jornalismo:

Se a intenção controla conscientemente o fazer, e se ação - como acontece no jornalismo - está na esfera do interesse público, então a intenção impõe o caráter moral ao fazer, e esse caráter moral, determinante da natureza e do desenvolvimento da ação, deve estar conectado a um princípio ético orientador - sem o que a ação jornalística não cumprirá a sua função social.

Podemos inferir que a memória da cultura atua na prática cotidiana do jornalismo em alimentação justamente balizando os princípios práticos e éticos de atuação. Ainda que o modelo tradicional de guias culturais seja importante e cumpra um dos papéis principais do jornalismo, o de contar histórias, ele não basta para atender a demanda de função social da área. É fundamental recuperar o melhor do jornalismo, apurando, investigando, checando dados e fontes para que, desse modo, o principal elemento da profissão, que é o compromisso com a verdade (Kovach; Rosenstiel; 2003: 25), seja cumprido. Pois a verdade do campo de estudo da alimentação engloba uma série de complexidades que atuam em territórios disputados socialmente: mudanças climáticas, reconhecimento da identidade de povos originários, compromissos com bem-estar humano e animal, reconhecimento de monopólios e de privilégios sociais, dentre outras demandas.

Acreditamos ao final desse primeiro ano de pesquisa, que a memória da experimentação em formatos jornalísticos dentro do sistema cultural da alimentação numa grande escola de jornalismo, consiga de fato influenciar a prática da profissão - assim como o cotidiano da sociedade influencia esse cotidiano profissional. O movimento de troca entre os sistemas da cultura opera em fluxo contínuo e sempre reconfigura os textos e linguagens desses ambientes de mídia. Assim, o interesse pelo campo que aqui



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

chamamos de jornalismo em alimentação realmente aumentou durante o período de estudo do corpus de pesquisa e pode estar ainda em ascensão, recuperando o quanto a área necessita de mais aprofundamento em busca da arqueologia proposta antes. E tal movimento aponta ainda para a discutida e almejada complexificação do campo de estudo, mostrando a ação de reconfiguração da memória da cultura.

Pesquisar a produção discente da graduação em jornalismo mostra-se como um campo rico e muito importante para o ensino na comunicação, já que pode evidenciar caminhos percorridos e apontar para transformações da área. A pesquisa não se encerra em um ano, pois o assunto é vasto e merece mais desenvolvimento. Acreditamos que tenha sido um ponto de partida para outras análises dentro do mesmo corpus proposto e de outros possíveis. E que deverão ser desenvolvidos nos próximos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLERINI, Francesco. *Jornalismo Cultural no Século XXI*. São Paulo: Summus Editorial, 2015 (ebook Kindle).
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929/1989*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- CHAPARRO, Manuel. *Pragmática do Jornalismo*. São Paulo: Summus Editorial, 2007.
- DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto: 1997.
- DEJAVITE, Fábila. *Infotimento: informação + entretenimento no jornalismo*. São Paulo, Editora Paulinas: 2006.
- FISCHLER, Claude. *L'Homnivore*. Paris: Odile Jacob Poches: 2001.
- FOXCROFT, Louise. *A Tirania das Dietas*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2013.
- HIME, Gisely. Construindo a Profissão de Jornalista: Cásper Líbero e a Criação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil. São Paulo, Portcom-Intercom. In: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125406421967807345272755170441800930965.pdf>. Acesso em 8 de outubro de 2020.
- JOHNSON, Steven. *O poder inovador da diversão: Como o prazer e o entretenimento mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2016.
- KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal – ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- LOTMAN, Iuri. *La Semiosfera I*. Madrid: Editora Cátedra, 1996.
- MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- MEDITSCH, Eduardo. *A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. SOPCOM, Lisboa. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-filosofia-paulo-freire.pdf>. Acesso em 9 de outubro de 2020.
- MELLO, José Marques de. *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Paulo, Editora Metodista: 2013 (ebook Kindle).
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. *Diretrizes Nacionais para o curso de Jornalismo*. Brasília, 2013. In: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf. Acesso em 8 de outubro de 2020.
- POULAIN, Jean Pierre. *Sociologias da Alimentação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.
- SCHOENHER, Rafael. Considerações sobre validade de produtos de tcc em Jornalismo. *Revista Brasileira De Ensino De Jornalismo*, 1(8): 2018. In: <http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/258>. Acesso em 8 de outubro de 2020.
- WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.